



CARISMA E MISSÃO NA REDE FILHAS DE JESUS

Ir. Maria Inez Furtado de Mendonça, FI

CARISMA E MISSÃO NA REDE FILHAS DE JESUS

Antes de entrar no assunto que me foi proposto, considero importante recordar conceitos e modos de compreensão de algumas palavras que, como é natural, têm usos diversos em nossa língua. Assim, partimos de uma compreensão comum desses termos, o que poderá nos ajudar bastante.

● **CARISMA - um dom para o mundo, confiado à Igreja, por meio de uma pessoa**, chamada a vivê-lo, transmiti-lo e encarná-lo na realidade em que vive. O carisma nasce de um sopro inesperado. Ele não é um talento que se treina ou uma meta que se alcança; **é uma graça inefável, uma marca profunda na alma**. Normalmente será assumido como proposta de vida por outras pessoas, também chamadas a vivê-lo. Então, sim, passa a ser uma meta a ser buscada. O fechamento em si mesmo não é próprio de nenhum carisma evangélico. Cada carisma se caracteriza por **destacar alguns traços específicos do Evangelho**. Aqui nos referiremos ao carisma de Santa Cândida Maria de Jesus, nossa querida Madre Cândida.

Juana Josefa Cipitria y Barriola, nasceu em meados do século XIX. Mulher simples e pobre, porém com uma imensa grandeza humana. Inteligente, prática e líder seguiu o Evangelho com firmeza e soube discernir os sinais de Deus em sua história pessoal. Consciente de sua falta de cultura e preparação intelectual para a MISSÃO que o CARISMA RECEBIDO a inspirou, ela não temeu arriscar, porque **confiava Naquele que a havia cativado e chamado**. Seu coração, ao perceber uma carência social gritante em seu tempo — no caso, a falta de instrução feminina—, não pôde fazer mais do que reagir e colocar meios que ajudassem a sanar tal desigualdade. Seu sentido humanitário nasceu da fé em uma Pessoa que era sua grande fortaleza e com a qual estabeleceu uma relação espontânea, contínua e coerente: Jesus, o Filho amado de Deus nosso Pai.

● **MISSÃO - podemos dizer que a missão, em nosso contexto, é o carisma em ação e movimento**. Sem a missão, o carisma corre o risco de virar uma vantagem individual, um clarão que se esvai rapidamente. Sem o carisma, a missão vira apenas burocracia, um trabalho cansativo que esvazia o espírito.

Sabemos que missão é uma palavra com muitos significados e usos. Porém, o que desejo é que nos fique bem claro o sentido evangélico mais profundo da missão que brota do carisma de Madre Cândida: uma missão que, independentemente do que façamos, **sempre será educativa**, quer dizer, algo que promove o crescimento do ser humano, humanizando-o e garantindo-lhe a dignidade de filho amado de Deus, nosso PAI.

“O Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos.” (Mt 20,28)

Seria muito bom se dissociássemos a palavra missão do sentido mais estrito que ela também tem que é o “nosso fazer”, a ocupação que compete a cada um de nós em cada tempo. **A missão é mais!** É um modo de SER e ESTAR na vida humana. Segundo a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, em seu número 273:

“Eu sou uma missão nesta terra e, para isso, estou neste mundo”.

Um carisma sempre revela uma missão, um modo de ser e estar que **se encarna em cada tempo** e que, portanto, vai sendo — de muitas formas e dimensões — missão confiada também a outras pessoas e gerações. São **as pessoas e instituições chamadas a ser “releitoras” desse carisma para cada tempo...** Quando o Senhor da messe encontra quem enviar em missão, esse carisma vai se reescrevendo e continua promovendo o bem.

O carisma, dado à Madre Cândida e confiado a nós, faz nascer muitas e variadas iniciativas e obras, pensadas e conduzidas para o bem dos demais. Nós estamos aqui porque, de algum modo, fomos convidados a entrar nesta roda para o BEM.

Poderíamos nos perguntar:

- **Como cada um de nós foi cativado e se uniu a esse carisma?**
- **Quando isso aconteceu? Já aconteceu? Por que sim, por que não?**
- **Qual é o comprometimento que a proposta carismática de Madre Cândida Maria de Jesus gerou em mim?**

● Viver esse CARISMA-MISSÃO hoje é também responder a lacunas e carências do nosso tempo. O carisma, essa maneira de viver e amar como Jesus, nos vincula a anseios comuns como justiça, paz, familiaridade nas

relações, vida em fraternidade... O carisma não é um quadro bonito na parede da recepção, nem um texto decorado no site da escola. Se uma obra nossa fosse uma orquestra, o carisma seria a harmonia invisível que une os instrumentos, e nenhum músico toca sozinho uma sinfonia perfeita.

Não vou falar sobre o nosso tempo. No entanto, quero sim fazer referência a **um aspecto da nossa realidade atual** e, para isso, tomo as palavras do *papa Francisco* em Pentecostes de 2016:

“Vivemos um tempo no qual constatamos diferentes e bem evidentes sinais de nossa *“condição de órfãos”*:

- uma **verdadeira tristeza existencial** (solidão interior que vamos percebendo em franco crescimento) inclusive em meio a multidões e a contínua ocupação do tempo com fazeres... ;
- o **desejo de independência de Deus** (visto como um PAI opressor ou desnecessário) , que gerou
- um **difuso analfabetismo espiritual** (incapacidade de ler os sussurros gritantes do Espírito Santo) pelo que nos sentimos despreparados para comunicar-nos com Deus, com o Universo, com cada ser - incapazes de rezar... contemplar... aprender dele... para educar-nos.
- e como resultado: essa **imensa dificuldade para reconhecer o outro como irmão...** Nossas atitudes individualistas e tão pouco solidárias o demonstram.”

Nesse *“tempo de orfandade”*, buscamos respostas em toda parte, e o Carisma da Madre Cândida nos oferece **UM CAMINHO EFICAZ DE CURA** do qual podemos estar nos distraindo. Por isso, venho recordá-lo. Viver o carisma é aceitar o risco de ser canal. É entender que a nossa identidade só se realiza por completo, quando se transforma em serviço, em entrega e em amor derramado na vida do outro, em missão.

Não venho dizer nada novo, mas talvez — e certamente — desejo acender algum sonho escondido no coração de vocês. Por isso, nesta tarde, **farei perguntas que nos ajudem a despertar algo que pode estar esquecido em nós... Meu desejo é mesmo provocar, para que o Espírito possa dizer-lhes algo.**

.....

→ Parto de uma parábola evangélica:

“... Por isso todo mestre da Lei que foi instruído no reino dos Céus é como um dono de casa que tira de seu cofre coisas velhas e novas. O Reino dos céus é como um homem que vai ao seu tesouro e começa a tirar “coisas novas e coisas velhas...” (Mt 13,52)

Essa parábola nos recorda que a verdadeira sabedoria está em unir as bases e experiências do passado com as revelações e inovações do presente, para alcançar a possibilidade de futuro. Um carisma depende dessa disposição em cada geração que, de muitas maneiras, vai experimentando-o.

Necessitamos ter essa sabedoria para tirar coisas novas e velhas do tesouro de nossos conhecimentos e vivências: a misericórdia em vez do legalismo, os valores absolutos vivenciados no relativismo de métodos e costumes, a vida real baseada em fatos do passado...

O mestre precisa ajudar seus discípulos a distinguir o saudosismo da VERDADE que nos salva e que nos vai sendo revelada passo a passo. Sem essa habilidade, um carisma pode tornar-se apenas saudosismo sem capacidade para a “cura transformadora” para a qual, um dia, foi doado e, hoje, é confiado a nós.

Com essa postura, vamos recordar traços próprios do carisma da Madre Cândida:

- - **FILIAÇÃO-FRATERNIDADE**- Identificação vital com Jesus – relação que se consolida em uma real e sempre nova dinâmica de fraternidade - SER filhos e irmãos.
- **Familiaridade** com Deus que é o PAI de Jesus Cristo - sempre relações mais familiares.
- **Relação filial com Maria** - a Mãe de Jesus
- **Vivência evangélica e eclesial**
- **Integração de vida** - O “mesmo empenho” dedicado a todas as dimensões da vida humana.
- - **UNIVERSALISMO** - Abertura e sentido universal
- **Atenção às maiores necessidades das pessoas** - em cada tempo e lugar
- **Espírito Inaciano** - EE
- - **SENTIDO DE CORPO EM MISSÃO**
- **Forte empenho apostólico e missionário**
- **Governo e gestão para a união**
- **Verdadeira pobreza evangélica** - humildade, simplicidade, partilha, solidariedade...

Vou dizer algo relacionado às três características destacadas acima.

1. JESUS CRISTO como centro - único CAMINHO-VERDADE-VIDA → FILIAÇÃO/FRATERNIDADE

- Educar, para a Madre Cândida, é **formar pessoas com possibilidade de optar por centrar sua vida em Jesus, ou seja: viver segundo a proposta do PAI**, aprendendo a caminhar de tal modo que o seu solo e fundamento seja sempre Jesus Cristo. Quando **Jesus** se torna, de fato, o centro de uma vida, de uma instituição, de um processo ou de um lugar, **tudo muda**. O critério de toda ação e decisão passa a ser o Evangelho, que revela uma vida humana descentrada de si mesmo: vida filial e fraterna- VIDA CRISTÃ.

- Recordemos a **centralidade** que a Madre Cândida quis dar ao “*ser de Jesus, com Jesus e como Jesus*”. Para ela, **educar é evangelizar...** E não procederia uma ação educativa cuja finalidade não fosse ajudar nossos irmãos e irmãs a assumirem o caminho de Jesus como projeto de vida e, portanto, **serem felizes e fazerem felizes os demais**. Quando Madre Cândida quis fundar obras (escolas), foi para dar vida digna às pessoas. Por vida dignamente humana, ela entendia “vida em Jesus Cristo”.

Nos conselhos às Mestras, sobre o [conteúdo do] “ensino”, ela começa com esta afirmação:

“A melhor e principal instrução é a religiosa... As mestras jovens terão um particular cuidado em orientar todas as suas lições a este objetivo, sem afetação, sem esforço, sem cansaço, de modo que as alunas, alimentadas deste modo, possam, naturalmente, ir se tornando cristãs... Todos os dias lhes será ensinado o catecismo ou, se for mais conveniente, uma instrução cristã proporcionada à idade e capacidade, para que cresçam em virtude e piedade que irão sendo adquiridas pelo exercício.” (Conselhos para Mestres... n. 32)¹

Essa era a linguagem de seu tempo para expressar que a relação fundamental a que somos chamadas a promover e “ensinar” é a de ser filhos como Jesus e irmãos uns dos outros: **a relação com Jesus será a única escola eficaz para este aprendizado.**

Não estou falando de “ensinar uma religião”. Refiro-me a uma relação que, se experimentada vivencialmente, vai sempre nos surpreender e nos dirigir para o BEM - o Caminho, a Verdade e a Vida... Segundo a Madre Cândida, este seria o grande objetivo de suas escolas ou obras: educar para viver segundo o Evangelho de Jesus Cristo. Iniciar crianças, jovens e adultos neste caminho de VIDA em abundância.

- **E quem é Jesus? É O FILHO ENCARNADO, que se faz pessoa humana!** Longe de ser distante, é um ser humano como nós, que experimentou nossa condição e nos ensinou a crescer em humanidade, sendo totalmente descentrado de si e centrado no plano do PAI — plano que não é mais do que está definido em Jo 10,10: “*Que TODOS TENHAM VIDA e a tenham EM ABUNDÂNCIA...*”

Assim, nasce a condição humana de fraternidade universal e amizade social: incluindo-nos TODOS no abraço do plano do PAI, tornando-nos irmãos e colaboradores em SUA própria MISSÃO. Reconhecer-nos como filhos amados de Deus muda radicalmente a nossa perspectiva existencial, libertando-nos de amarras e inaugurando uma nova forma de estar no mundo. Essa relação vertical com o PAI amoroso, cheio de misericórdia, não permanece isolada, mas transborda imediatamente para a horizontalidade das nossas relações com o próximo. A verdadeira filiação divina carrega em si a urgência e o dom da fraternidade, pois quem descobre que tem um Pai comum compreende que todos os seres são irmãos.

- Por isso, FILIAÇÃO E FRATERNIDADE constituem uma nota carismática única; expressa a postura mais básica do Evangelho, a mais fundamental, a mais fontal. Essa foi a nota primordial daquela mulher simples que tanto amou a Jesus, a ponto de dar a sua vida para anunciá-lo. Ela estava convencida de que essa **pertença fontal à humanidade de Jesus era a melhor possibilidade de vida que poderia transmitir aos demais.**

Assim, o que centra a nossa vida (como pessoa, instituição, ação apostólica...) é alguém concreto, que está de fato “*no meio de nós*”: **Jesus Cristo**. Ele nos cativou e com ele nos relacionamos a ponto de não sabermos mais ser e viver sem esse referencial. E isso se aprende: torna-se real e possível se nos ajudarmos a entrar em contato com ELE... Aquele que, sendo Filho, nos conduz a todo o BEM que o Pai nos quer dar.

¹ Sempre que aparecerem números entre parênteses como referência a uma citação, eles indicam textos do folheto “CONSELHOS PARA MESTRES EM NOSSAS ESCOLAS”, que fazem parte da coletânea de escritos de Cândida Maria de Jesus.

- Aqui necessito recordar a dinâmica de nosso Deus que expressamos como PAI-FILHO-ESPÍRITO SANTO.

Já vimos que: Jesus **é o Filho encarnado** que existe e vive em referência ao PAI e a seu plano;

Deus **é o PAI de nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo** cujo sonho chamamos REINO.

Porém há mais: há o **Espírito Santo, que sempre conduziu essa dinâmica de amor criador e salvífico do ser humano. Ele** é e será nosso “paráclito”, que significa: Aquele cuja missão é estar ao nosso lado, sempre nos auxiliando. É o colaborador de toda hora! Por isso, se somos educadores, pais, mães, companheiros, amigos, irmãos e queremos colaborar na formação de seres humanos e na construção de sociedades humanitárias, nunca poderemos nos esquecer de quem nos guia: o **ESPÍRITO SANTO de Deus!** Aquele que atualiza o que Jesus Cristo nos diz.

A religião é um meio. Deus é o princípio e o FIM... E o Deus de Jesus Cristo é o mesmo PAI que o conduziu e que hoje nos guia por meio do Espírito Santo, tornando-nos MESTRES com Jesus. Quando assumimos ser educadores, centrados na pessoa de Jesus Cristo, recebemos o chamado-dom para assumir essa dinâmica de AMOR. **Esse é um aprendizado que nos fará muita falta!**

O que sempre continuamos a aprender é a ser **colaboradores do MESTRE** que é Jesus Cristo. A partir daí, podemos compreender que, como educadores, pouco teremos acrescentado à felicidade — possibilidade de VIDA em abundância — se não tivermos participado de um projeto educativo que se fundamente na educação de nossa fé cristã, conscientes de que **“fé” significa uma relação real e existencial com a pessoa de Jesus Cristo.**

- ***Mas quem me ajudará a aprender essa comunicação contínua e continuada com Jesus? Quem me ensinará a encontrar Deus em todas as coisas e a ter a certeza experimentada de que “Ele SEMPRE está”?***

Ensinar vai muito além da simples transmissão de saberes intelectuais. Exige compromisso com a formação integral e espiritual de cada ser. Somente guiados por esse exemplo divino, alcançamos a verdadeira sabedoria. E uma educação que pretenda isso, necessita ser intensa e **pessoalmente acompanhada...**

Que presente mais precioso você pode dar a seu filho, aluno, amigo, companheiro do que iniciá-lo nessa capacidade de encontro e relação com Deus? Acompanhá-lo, enquanto puder, e ajudá-lo sempre a retomar esse caminho, permitindo e suportando que essa relação amadureça... **Sem esquecer que Ele o fará e que, portanto, antes de tudo, somos colaboradores dele!** Madre Cândida recomendava:

“Sempre que trate com as alunas, procurará ter diante Jesus Cristo nosso Senhor quando ensinava às crianças, lembrando-se delas com a mais terna caridade.” (n. 12)

Ela havia compreendido que nossa parte será ter *“paciência, constância, continuidade, ternura, firmeza, misericórdia, cuidado, mansidão e humildade. Devemos ser prudentes, firmes e cheios de terna caridade, demonstrando afeto e doçura às jovens, procurando que tenham confiança em vocês e que não a percam, fazendo da **religião** (relação tu a tu) o principal objetivo do seu plano”.* (cf. n.ºs. 1, 37, 57, 60, 62-64...)

Como pais e mães, vocês sabem bem que nenhum ser humano está livre da dureza da vida. Que melhor para dar aos filhos do que a **confiança** de que sempre haverá quem os proteja e os conduza de volta ao BEM? Esse é o nosso Deus, que é PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO.

Nada é mais próprio de nossa Madre Cândida que essa confiança inabalável :

—“Deus é nosso PAI e não nos abandonará!”-

Porque também em JESUS nada é mais próprio do que “confiar no PAI”.

—“Quando rezardes, dizei: “NOSSO PAI ...”

Nada — nem os conteúdos de minha área e profissão ou meu dedicado serviço administrativo, nem as mais diversas e novas tecnologias, nem meu mais intenso esforço por passar ao aluno as melhores opções — será, mais eficaz que **colocá-lo, de fato, em contato relacional com Jesus.**

EU CREIO NESSA NECESSIDADE? (ou isso está longe de minhas convicções e experiência educativa?)

● Não posso deixar de dizer que necessitamos recuperar um dos meios educativos mais significativas para a Madre Cândida: **formar nas “virtudes cristãs”** (hoje diríamos virtudes evangélicas). **Virtudes são as qualidades que o indivíduo deve adquirir para chegar a ser uma pessoa de BEM.** E não nos esqueçamos de que, para isso, o melhor método é o exemplo, Ela era uma pessoa convencida de que a aprendizagem se dá “por contágio” e de que toda a comunidade é responsável pelas metas que nos propomos.

*“...procurarão com bondade e caridade conciliar nas alunas o respeito e a estima, animando-as e corrigindo-as com mansidão, inspirando-lhes confiança com suas conversas e **atraindo a vontade delas para o bem.**”*

(n.21)

Pensemos na profunda diferença que existe entre transmitir valores cristãos e formar nas virtudes evangélicas... Reflitamos para tirar proveito!

- **Quais são as virtudes evangélicas mais necessárias em nosso mundo hoje e nos próximos anos?**
- **Como as estamos promovendo, ensinando e velando para que nasçam, cresçam e se tornem, de fato, virtudes nas pessoas que educamos?**

As virtudes não podem ser um compromisso que aprendemos hoje para vivenciar amanhã. Nunca nos esqueçamos: adiar uma proposta é matá-la, porque o **“depois”, na maioria das vezes, é o “nunca”!**

Aliás, é sempre bom recordar que tudo o que acontece apenas “fora do horário escolar”, acaba recebendo a interpretação de que “não é tão importante”, abrindo margem para deixarmos para depois ou para quem quiser assumir.

Isso traz, cada vez mais, traz desafios enormes para os nossos centros que precisam expressar, desde já, em sua estrutura, a solidariedade, a paz e a paixão pela justiça que desejamos transmitir e educar. Formar pessoas **pacificadoras e solidárias, éticas e competentes, conscientes e audazes, mansas e fortes, misericordiosas e amantes da justiça...** é bastante exigente, não apenas para aqueles que educamos, mas também é um chamado sério para todos nós.

.....

▪ Convido vocês a refletirem sobre os seguintes questionamentos à luz da nossa missão evangelizadora e educativa ao estilo de Madre Cândida:

- ***Por que nossa sociedade, “cansada e sem pastor”, está tendo necessidade de buscar o caminho de volta a Jesus? Não será desta sede que, talvez, começaram a aparecer escolas que se dizem “verdadeiramente católicas”?***
- ***Que imagem de Deus revelamos, anunciamos, pregamos, ensinamos e transmitimos por meio de nossas ações apostólicas em qualquer âmbito educativo? Que relação com Deus provocamos ou possibilitamos?***
- ***Que significado damos à expressão: “fé em Jesus Cristo” e que lugar essa proposta tem tido em minha atuação como educador/a?***

▪ Refletir sobre o cotidiano dos nossos centros educativos exige um compromisso ativo e compartilhado de toda a comunidade que educa. Proponho a vocês indagações que nos convidam a uma atenta análise sobre o planejamento, a execução, a avaliação e as condições realmente necessárias para transformar a nossa prática pedagógica em verdadeiro caminho de fé:

- ✓ **Que meios e metodologia empregamos — TODOS — para assegurar a centralidade de Jesus em nossos centros?**
- ✓ **Como a iniciamos, conduzimos, avaliamos, como reconduzimos esse processo?**
- ✓ **Que condições são imprescindíveis para isso e como temos privilegiado essas condições?**

2. Abertura e visão UNIVERSAL → UNIVERSALISMO

- Toda educação necessita ter os pés bem postos na realidade das pessoas em questão. Isso é verdade, mas também é verdade que será necessário ampliar o coração para, com um olhar mais amplo, aprender a ler, interpretar e viver a VIDA. É imprescindível aprender a ler a realidade seriamente e sem preconceito, aproximando-nos de tudo o que pode nos ajudar a ter um conhecimento mais amplo e universal. Assim seremos capazes de compreender o particular e nos abrir para o acolhimento e amor ao diferente.

Espontaneamente, podemos pensar que, em primeiro lugar, para sermos universais, será preciso ir o mais longe possível para compreender a realidade de outro modo, aprender a suspeitar de nossas verdades parciais e certezas — e tudo isso é verdadeiro. No entanto, pode também acontecer que estejamos agindo apenas para enriquecer nossa experiência e conhecimentos, e talvez faça falta **algo que nos ajude a aprimorar todos coletivamente.**

Um espaço educativo pautado nos valores evangélicos deve ser um centro de integração social, que acolhe tanto das diversas classes sociais, como as diferentes condições e possibilidades das pessoas. **Buscar caminhos para uma maior inclusão é um projeto importante** para promover a educação voltada à fraternidade e à justiça. Ampliará os horizontes de verdadeiro convívio e amizade social.

*“O amor ao outro, por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que **tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos**”* (Encíclica Fratelli Tutti, 94).

A partir daí, fui percebendo que, hoje, uma das expressões mais eficazes na busca por uma visão mais universal de educação integral é a de **levar muito a sério a inclusão**. Valorizar e incluir o diferente é o modo mais real de aprender que a diferença pode ser nossa riqueza, alegria e ocasião de nos formar para a universalidade. É experimentar que as diferenças começam incomodando, mas acabam nos enriquecendo.

- **Ser universal começa com a inclusão.** Já o expressava a Madre Cândida: tenhamos escolas e propostas apostólicas onde caibam todas as classes sociais... *“Ali, onde não há lugar para os pobres...”* (e podemos continuar a lista: para os autistas, os menos integrados, para os coxos e cegos...) *“não é o meu lugar”...*

Ela também dizia: *“Ao fim do mundo iria...”* Chegar até os confins do mundo hoje não pode ser cristão se abandonamos os “confinos” da mesma realidade em que vivemos. A inclusão tem que fazer parte desta característica evangélica de que TODOS, TODOS, TODOS somos irmãos! Isso me recorda o ensinamento de Dom Luciano Mendes de Almeida: *“Se queres chegar a todos, começa pelos últimos da fila, pelos que não conseguirão entrar, por aqueles que, sim ou sim, ficarão de fora...”* Cada vez que são saciados os que carecem de vida e dignidade estamos tocando o “fim do mundo”, fazendo-o, de fato, *“pequeno para nossos desejos”*. A verdadeira espiritualidade evangélica deve ser universal: inclusiva e comprometida com a educação para a justiça, isto é, com a promoção de VIDA em abundância para cada um, independentemente de suas diferenças.

Vocês, mais do que eu, sabem bem o quanto é difícil “este universalismo”, e como colocar isso em prática complica “nossos esquemas”... Quase ousa dizer que é mais fácil criar um centro internacional! No entanto, não podemos desanimar neste empenho, porque, na perspectiva de Jesus, é essencial INCLUIR. E, se não o fazemos, estamos colocando em risco a verdadeira capacidade de visão universal de nossos alunos, filhos, irmãos, bem como o sentido evangelizador de nossos centros.

Porém, também é verdade que, diante de complicações, dificuldade, conflitos e impossibilidades, surge justamente a oportunidade de assegurar que o Evangelho seja possível e visível no dia a dia de nossos espaços educativos. Cabe aqui recordar o que nos diz papa Leão XIV em sua primeira encíclica *Magnifica humanitas*, nº 13, ao discorrer sobre a corresponsabilidade corajosa, condição para construir um mundo onde todos possam “florescer”: ***“As tensões e as diferenças não devem intimidar, pois, quando orientadas por uma responsabilidade comum, podem tornar-se forças criativas.”*** Que tal não desistirmos desse universalismo?

Tornar a diversidade possível é um modo concreto de tornar visível e palpável o Evangelho. A pergunta que devemos fazer é justamente esta: **como, ATRAVÉS DESTA DIVERSIDADE, tornaremos o Evangelho possível e mais acessível?** Educar a partir da diversidade — e nela — é o caminho evangélico mais adequado para que TODOS possam entrar... e, caminhando juntos, encontrar a VIDA em abundância (ou em plenitude). **De que abundância e/ou plenitude nos fala o Evangelho?**

● **Educar na diversidade** pode ser o melhor lugar para **aprendermos a solidariedade** na prática, exercitando-a dia a dia. E aqui tocamos em outro **aspecto** para um universalismo bem menos teórico: não apenas exercitando, mas também vivenciando o que aprendemos. Todos somos irmãos, todos temos lugar e, para isso, não precisamos ser iguais, nem “mais” ou “melhores”; todos poderemos SER — somente isso! **Deixar de viver os processos competitivos a que nos acostumamos pode ser um grande passo evangelizador.** Isso, por conseguinte, depende diretamente do **tipo e dos modos de avaliação que adotamos.**

A escola ou qualquer outro ambiente educativo não é apenas um lugar de transmissão de conteúdos ou de uma única cultura. É, sobretudo, um espaço de convivência, onde famílias, educadores, colaboradores e estudantes aprendem a **lidar com as diferenças, a se responsabilizar uns pelos outros e a ser solidários.** Cultiva-se o acolhimento e o cuidado com o próximo e com o espaço em que habitam, garantindo que ninguém fique para trás. O espaço escolar — assim como qualquer ambiente de apostolado tais como casas de espiritualidade, de acolhida, hospedagens ou comunidades FI — apresenta-se como um **local de encontro, aprendizagem e relação familiar**; um lugar para experimentar e vivenciar valores, onde se trabalha em conjunto, num ambiente de caridade e vivência evangélica.

Convivendo com o diferente, aprendemos que a solidariedade não é apenas fruto de algum sentimento transitório de angústia diante do limite alheio, como acontece quando contribuímos nos momentos de grandes desastres. Aprendemos um **sentido mais amplo e universal de justiça**: todos estamos unidos não por nossas capacidades semelhantes, mas por nossa humanidade comum, que nos ensina a responsabilizarmos pelas carências uns dos outros e a reconhecermos também as nossas próprias. Ao conviver com o diferente, percebemos que o outro nos supera em tantas coisas e, avaliando isso, constatamos que **sem essa diversidade, não teríamos chegado aonde chegamos.**

E, quem sabe, assumindo o “diferente” e convivendo com nossas “diferenças”, aprenderemos a **subordinar nossos interesses em favor da caridade para com o próximo, logrando viver em solidariedade.** Aliás, o *papa João Paulo II* em sua Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, 37, sobre a **solicitude social da Igreja**, definiu **solidariedade** como **“a resolução firme e perseverante de dedicar-se ao BEM COMUM, quer dizer, ao bem de todos e de cada pessoa, porque todos somos, realmente, responsáveis por todos”.**

3. CORPO educativo em MISSÃO → MISSÃO COMUM

- **Educar** é como “proporcionar solo firme e fecundo”, para que a pessoa possa enraizar-se na vida, sempre com **as mãos entrelaçadas às de outros**, agindo em favor do ser humano e integrada a toda a criação de Deus, nosso PAI.

Já vimos que, para nós, esta terra firme se alicerça em Jesus, nosso companheiro e educador fundamental. Educar no Espírito é discernir sempre o melhor modo de fazê-lo.

Como encontrar o melhor se não for em comum? Para a Madre Cândida a educação da infância e juventude nunca poderia acontecer sem a intervenção conjunta de muitos colaboradores. Só confrontando com outros o processo de cada educando é que lhe parecia possível educar de modo integral.

Ela recomendava: *“A mestra terá um caderno para anotar, cada dia, a boa e a má conduta de suas discípulas. Este caderno servirá para refletir nas conferências de cada semana, e também para os prêmios de bom comportamento e exatidão que serão dados no fim do ano.”* (n. 48)

“A cada oito dias, com a presença da superiora ou sem ela, se não for possível devido às suas ocupações, terá uma conversação com as mestras ou ajudantes que dirão tudo o que lhes ocorreu e o que ocorreu com cada uma de suas alunas durante a semana. Aconselhar-lhes-ão o que for mais conveniente para seu bem espiritual e o bem das alunas, segundo Deus, colocando-se de acordo sobre o que deverá ser feito na semana seguinte.” (n. 24). **Um processo de acompanhamento a cada aluna, confrontado com outras pessoas.**

No passado, nossas escolas e obras contavam com comunidades religiosas de referência. Depois, passamos a adotar comunidades educativas (leigos e religiosas) voltadas para esse acompanhamento. Agora, precisamos identificar as novas estruturas que assumiram o “acompanhamento personalizado” ou, caso necessário, reinventá-las.

Um dos dons do ser humano é **justamente o fato de ser relacional. Somos desenhados para a relação, e tudo o que vivemos é chamado a ser ampliado e otimizado por meio dela.** A complementariedade com os demais, a cooperação, a colaboração e a capacidade de caminharmos juntos — conscientes de que a meta é chegarmos todos juntos — são características essenciais da competência humana. Devemos desenvolvê-las em nossa obra educativa, pois, embora façam parte da nossa natureza, não sabemos manejá-las ou alcançá-las sozinhos, sem ajuda.

- **Promover um processo educativo a partir de uma ótica colaborativa — trabalhando juntos, em rede, em comunhão**, envolvendo todos os agentes da comunidade (diretores, docentes, famílias, crianças, jovens, colaboradores, ajudantes esporádicos...) e, é claro, o próprio contexto. **Superar nossas fragmentações é tarefa irrenunciável.**

Isso comporta uma mudança de paradigma: passar da competição à colaboração, do individual ao coletivo, para **assumir a missão como Corpo educativo**. Não é fácil, requer tempo e exige crescer continuamente em capacidade colaborativa. **Supõe formação contínua e sentido de pertencimento.**

Em nosso dia a dia, podem acontecer decisões em um setor ou segmento que não têm continuidade no seguinte, bem como a adoção de modos bem diversos de encarar o ensino, segundo a disciplina ministrada. Ou, o que é mais grave, ensinamos na sala de aula ou em reuniões uns valores e, na convivência de pátios e corredores, transmitimos outros. Até podemos constatar modos de educar, sem a coordenação necessária da unidade. Isso NUNCA ajuda! Não se trata aqui de discutir como superar tais situações: vocês o sabem melhor do que eu. Apenas chamo a atenção para o fato de que, em situações assim, **sempre é necessário agir e mudar sem delongas**, porque estamos tocando em algo essencial: **constituir, ser e manter, de fato, um atuar em missão comum. Esse é o único caminho para a educação integral e integrada que desejamos!**

- Isso é tão sério e importante que merece uma avaliação contínua: **devemos olhar para a meta final ou para o modo como a alcançamos?** Mais importante será prosseguir juntos. Educar, a partir de uma ótica colaborativa, **trabalhando juntos e em rede**, é uma proposta séria. Primeiramente, significa envolver todos os agentes, mas também valorizar profundamente o contexto de cada lugar.

A colaboração em rede também requer novas estruturas organizativas que sejam mais horizontais, flexíveis, descentralizadas e baseadas na confiança, na autonomia e na interdependência. Esse modelo exige, igualmente, um novo modo de liderar. Tornou-se essencial apostar em uma gestão coletiva e compartilhada, sustentada por dois eixos fundamentais: **a humildade** — traduzida na capacidade de escutar, aprender com o outro e ter consciência das próprias limitações — **e o foco no desenvolvimento das pessoas**. A genialidade, afinal, é coletiva. É preciso contar com a colaboração de todos e criar condições para que cada indivíduo coloque seus talentos a serviço da comunidade educativa. **Trabalhar juntos é o caminho**. Também é importante assegurar certa continuidade e o devido fôlego na liderança, contando com líderes e gestores bem formados e preparados em nosso modo próprio de educar.

Quando se trabalha em rede, é imprescindível conhecer sua proposta, objetivos e metas, seus princípios e fundamentos e também sua estrutura e funcionamento. É preciso saber buscar a coerência de suas ações, através de um governo (uma gestão) para a união e participação, em que TODOS contribuam, velem pelo BEM maior, cedam quando for preciso e não deixem de, JUNTOS, buscar as soluções mais adequadas e as superações dos conflitos. Essa postura supõe **assumir com entusiasmo e perseverança essa busca coletiva** — trabalhosa por natureza e criadora das novas propostas, metodologias e metas parciais ou mais globais.

É importante recordar que, numa rede, a unidade de funcionamento — cada centro educativo — será o lugar da vida concreta. Partilhar gera valor; portanto, não devemos homogeneizar nossos centros a ponto de impedir que cada unidade contribua com o seu melhor e responda adequadamente àquela realidade.

Nesse caminho conjunto, alguns perigos nos espreitam, como **o individualismo** (foco apenas no eu, esquema de competição interna, falta de ajuda mútua); **a uniformidade** (obrigar todo mundo a agir igualmente, inibindo o surgimento de novas ideias e gerando medo de falar o que pensa); **a fragmentação** (cada um faz uma parte sem ver o todo, falta de conversa entre os setores, desconexão dos objetivos do grupo); e a **homogeneização** (apagar o talento único de cada pessoa ou unidade, originando um grupo sem cor ou brilho próprio e um padrão cego de comportamento).

- Em educação, não tem sentido o atuar apenas para cumprir as metas propostas, cobradas ou, às vezes, impostas por nós mesmos. **Estejamos atentos ao discernimento das propostas** e à importância de “dar tempo ao tempo”, para que os processos sejam reais e não apenas uma espécie de “tarefa a cumprir”. No cenário educacional, fazer “o que sempre se fez” ou “o que todo mundo faz” nunca será o melhor método. Pode nos dar a impressão de “estarmos no topo” e pode até criar uma “fama estrondosa”... Mas, cuidado! Não podemos fugir ao processo da **penosa busca pelo melhor caminho para cada realidade**, assumindo, com humildade, o mais adequado para aquela situação. Na educação, já sabemos: **vale mais o “passo a passo”, pouco ruidoso e coletivo**, do que os eventos muito chamativos.

- E tudo isso seria insuficiente HOJE. Também é fundamental **alargar a interação e a colaboração com outros centros, culturas, modos de pensar... ir mais além**. Trata-se de um desafio que traz consigo o perigo de tentar abarcar tudo de uma vez e acabar “educando aos saltos”, de maneira fragmentada, o que tampouco nos conduziria ao fim desejado...

Neste cenário, **o Pacto Educativo Global se apresenta como uma oportunidade e um compromisso** para ampliar a educação, transformando-a e inovando-a com sentido cristão. Dessa maneira, ele responde às necessidades e aos desafios de hoje e de amanhã, **ao unir esforços para mudar a sociedade** e torná-la mais humana, fraterna, solidária e sustentável.

O trabalho em rede, a colaboração e o intercâmbio entre nós e outros que tenham projetos similares darão um novo olhar aos que educamos. Isso ampliará horizontes, para reconhecer e experimentar culturas diversas e suas particularidades, bem como perceber que os problemas são globais. Abrir corações e mentes de nossos alunos dará a eles a capacidade de tomar decisões conscientes e adequadas sobre si mesmos e seu futuro, de ser competentes.

O que não podemos é permanecer como entidades isoladas e autossuficientes, porque esta é a postura que mais deseduca para a vida. Nesse sentido, creio que, no Brasil, **ainda não demos passos corajosos rumo à intercongregacionalidade, em prol de uma educação mais eficiente e que realmente possa abarcar os mais necessitados**. Será que não caímos na tentação de nos relacionar, sim, mas permanecendo como instituições educativas apenas bem-relacionadas?

- Será possível uma educação assim, que tenha como centro Jesus e todos os seres por quem ele deu a vida; uma educação mais universal, verdadeiramente inclusiva, e exercida de modo coletivo e corporativo?

Supõe **confiar em Deus nosso Pai e manter viva a atenção** à URGÊNCIA de formar homens e mulheres capazes de MISERICÓRDIA, FRATERNIDADE, VIRTUDE, PAZ..., **encarnando, assim, os princípios do EVANGELHO DE JESUS CRISTO.**

“Vamos observando passo a passo, e veremos a mão de Deus e nos firmaremos mais em seu dedo divino” (MC-carta 1)

Ide e sede competentes, porque o Pai vos necessita... A educação acontece hoje, mas é para um amanhã novo e desconhecido. Faz falta refletir sobre os desafios que o futuro nos apresenta, desenvolvendo nas pessoas (e em nós mesmos) conhecimentos profundos e competências, capacitando-as a afrontar adequadamente situações conhecidas e novas, para que sejam verdadeiros **colaboradores da missão de Jesus Cristo.**

Nessa perspectiva, será competente a pessoa que souber tomar decisões, solucionar problemas, oferecer novos questionamentos e respostas concretas e práticas; enfim: que seja capaz de colocar sua preparação a serviço da sociedade em que vive. Não será competente quem for incapaz de agir junto com os demais, não tiver sensibilidade para descobrir as necessidades sociais de seu contexto nem souber como buscar respostas justas e evangélicas.

• Algumas práticas importantes na educação segundo o carisma da Madre Cândida:

- **Experiência pessoal com Jesus:** Vivenciar, em todas as etapas do desenvolvimento pessoal, experiências profundas que coloquem educador e educando em contato “tu a tu” com a pessoa de Jesus. Elas ajudam a formar a concepção que temos de Deus Pai e a amadurecer a relação com Ele, com tudo e todos.

Quem me vê, vê o Pai. (Jo 14,9)

- **Relação fraterna:** Estabelecer uma verdadeira relação entre a vida em Deus e a vida com os irmãos. Unidade vital entre filiação (relação filial com Deus) e fraternidade (relação fraterna, amizade social, inclusão de todos os irmãos e irmãs). Ambiente familiar.

Amai-vos uns aos outros. (Jo 13,34)

- **Centralidade da Palavra de Deus:** Dar à Palavra de Deus, principalmente Evangelho, lugar privilegiado em nossos centros. É preciso aprender a frequentá-la, conhecê-la, interpretá-la e colocá-la em prática.

Sejam criativos nisso!

- **Educação integral e integradora:** Favorecer uma educação integral e integradora na qual se coloque o mesmo empenho em todas as dimensões vitais do ser humano. Isso exige estar atentos à superação contínua dos “dualismos” que criamos: matéria e espírito, conhecimento e espiritualidade, divino e humano, ensino e formação, ideia e prática, ecologia e espiritualidade.

Quando for necessário, desconstruam para reconstruir.

- **Superação do utilitarismo:** Combater a atual tendência ao utilitarismo na educação, na qual o critério de medida passa a ser o êxito econômico. O objetivo é formar, efetivamente, pessoas de caráter e consciência, evangelizadas em sua essência e capazes de dar respostas adequadas a cada situação.

Cuidem para que o Evangelho seja o critério de nossas decisões e ações.

- **Desenvolvimento humano:** Direcionar a educação para a formação de pessoas misericordiosas e competentes exige capacidade de silêncio, contemplação da realidade — alheia e pessoal —, empatia, contato com a dor, compromisso com o serviço e a ajuda, resiliência e fortaleza.

Não se educa poupando as pessoas da dor ou das consequências de seus atos, mas sim, acompanhando-as em toda situação vital.

- **Atenção às realidades mais marginalizadas:** Fomentar e buscar os meios concretos mais eficazes para conhecer a realidade completa, experimentar o que não é vivenciado no dia a dia e desenvolver a capacidade de perceber, compreender e “ser irmãos” nas realidades mais marginalizadas e necessitadas de ajuda.

Todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes. (Mt 25,40)

- **Reconciliação com a criação:** Rever nossas práticas para reconstruir nossa pertença à natureza e nos educar, com urgência, para a certeza de que TUDO está interligado. Se plantamos morte, tudo recebe um golpe mortal. *Quando semeamos ou protegemos a vida, todo ser vivente refloresce.*

- **Coerência institucional:** Garantir a coerência evangélica tanto nas estruturas organizacionais do ambiente educativo quanto nas posturas humanitárias e humanizantes de todos os integrantes da comunidade educativa. *Tenham claros os âmbitos próprios de cada decisão e cuidem dos processos.*

- **Inovação e crescimento:** Desenvolver criatividade e ter agilidade suficiente para incorporar novas estruturas e tecnologias. O objetivo é impulsionar o crescimento de todos com autonomia e senso de pertencimento, com o fim de obter resultados diferentes e necessários.

Nunca abandonem a formação dos agentes educadores!

E SEMPRE: ***Traduzir nossos princípios e objetivos fundamentais em metas educativas.***

.....

- Termino recordando as palavras do *papa Francisco*, em fevereiro de 2015, para a Rede Scholas Ocurrentes:

“Todos vocês têm um cofre, uma caixa, e dentro há um tesouro. O trabalho de vocês é abrir a caixa, tirar o tesouro, fazê-lo crescer e dá-lo aos demais... Se guardamos dentro o tesouro que temos, ele fica fechado; **se o repartimos com os outros, o tesouro se renova e se multiplica com os tesouros que vêm dos demais. Não escondam o tesouro que cada um tem!**”

Assim é o carisma! Assim é a nossa missão!

Bragança Paulista, setembro de 2026